

PERCEPÇÃO DO ESPAÇO URBANO: ANÁLISE DA VALORIZAÇÃO DE PAISAGENS URBANAS

PAULA LANDIN GOYA



O presente texto é extraído da monografia elaborada como resultado final da disciplina "Percepção de Paisagens e Geografia", cursada a nível de mestrado, no curso de Pós-Graduação em Geografia, da UNESP-Rio Claro. Este trabalho pretende, baseando-se na obra de Kevin Lynch "A Imagem da Cidade", discorrer teoricamente sobre como as pessoas percebem e se orientam dentro de seu espaço/ambiente urbano, e também quais são os elementos valorizados na paisagem urbana.

A percepção do meio ambiente se preocupa com os processos, mediante os quais as pessoas atribuem significado ao seu meio ambiente. Já a percepção do espaço urbano é resultante da assimilação e organização de um esquema perceptivo da paisagem urbana.

Assim, quando procuramos estudar como as cidades são percebidas, somos obrigados a nos referir aos trabalhos de Lynch.

Segundo Livia de Oliveira¹: "A obra de Lynch (1960) contém valiosa informação sobre como desenvolver uma metodologia para estudar a forma visual em uma escala urbana. Este trabalho considera a qualidade visual de várias cidades americanas, estudando os mecanismos de construção da imagem mental de uma cidade".

Kevin Lynch preocupou-se fundamentalmente com a questão da forma como "são vistas" e qual a importância que têm as imagens para o desenho da cidade.

Para Lynch, os elementos mais importantes da imagem mental são orientação, descoberta de rotas e facilidade de movimentação (legibilidade/imaginabilidade). Paralelamente, espera que um meio ambiente claramente imaginável dê uma segurança emocional ao indivíduo. Segundo ele, o mistério, combinado com a coerência, são os aspectos do nosso prazer no meio ambiente urbano.

A cidade pode ser entendida como um conjunto de imagens que se inter-relacionam. Essas imagens podem ser modificadas pela escolha da área envol-

vida, do ponto de vista, da hora do dia ou da estação do ano. A continuidade necessária para a conservação do valor da imagem é o elemento mais importante do mapa mental construído através da percepção da cidade pelos usuários. Esta imagem mental é viva, possui formas e texturas, assim como outros pormenores abstratos envolvendo estruturas identificadas como ponto referencial. Ainda é Livia de Oliveira², quem comenta que a imagem ambiental é uma parte fundamental de nossos equipamentos para viver, pois permite mobilidade, orientação, organização das atividades e particularmente é usada como quadro de referência.

Geralmente percebemos nossa cidade não como um todo, mas de uma maneira fragmentada, ou seja, percebemos partes dela, como os percursos de nosso cotidiano: o caminho que percorremos até nosso local de trabalho, ou para irmos ao mercado, ao banco, ou deixar as crianças na escola. Todos nossos sentidos estão envolvidos nesta percepção, e a imagem que se resulta é composta de todos eles, e está repleta de lembranças e significados. Segundo Tuan³: "O espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana. É verdade que, mesmo sem forma arquitetônica, as pessoas são capazes de sentir a diferença entre interior e exterior, fechado e aberto, escuridão e luz, privado e público. Mas este tipo de conhecimento é rudimentar. O espaço arquitetônico, até uma simples choça rodeadas por uma clareira, pode definir estas sensações e transformá-las em algo concreto".

Mas a cidade não é apenas para ser percebida pelas mais variadas pessoas, das mais diversas classes sociais e personalidades, e com os mais diversos interesses que a habitam. A cidade também deve ser legível. E o que confere legibilidade à uma cidade? O que a transforma num lugar para seus cidadãos? A resposta está na paisagem que a estrutura. Esta paisagem que identificamos diariamente, atribuindo significados aos marcos deste sítio urbano, como as casas, as praças ou os bares e cafés. Segundo Lynch⁴: "Sobretudo se o meio ambiente está visivelmente organizado e nitidamente identificado, poderá então o habitante dá-lo a conhecer, por meio dos seus próprios significados e relações. Nesse momento tornar-se-á um verdadeiro lugar notável e inconfundível".

É ainda Lynch⁵, quem afirma que: "Estruturar e identificar o meio ambiente é uma atividade vital de todo animal móvel. São muitas as espécies de orientação usadas: a sensação visual da cor, da forma, do movimento ou polarização da luz, assim como outros sentidos, tais como o cheiro, o ouvido, o tato, a

cinestesia, a noção da gravidade, e talvez as de campos magnéticos ou elétricos.

E é através da identificação diária desta paisagem edificada que nós nos orientamos dentro de nossas cidades. Através da verificação dos marcos urbanos é que criamos uma imagem mental, que faz com que não nos sintamos perdidos, que nos orienta. Esta imagem é fruto não só de nossa percepção imediata, mas também de nossa percepção passada, de nossa memória. Novamente segundo Lynch⁶: "A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão importante e tão enraizada no passado que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo".

A construção desta imagem é um processo bilateral existente entre a paisagem urbana e o cidadão, através do qual o cidadão atribui valores a esta paisagem, sendo portanto algo extremamente subjetivo e particular. E a paisagem, por sua vez, também influencia o cidadão diferentemente. Mas de qualquer forma, parece existir uma imagem comum entre indivíduos de um mesmo grupo, e é esta imagem comum que nos interessa preservar, resgatando-a de nossa memória e de gerações anteriores, como um instrumento de identificação, de ligação, entre os cidadãos e sua cidade, pois é justamente esta que faz com que a cidade assuma uma conotação de LUGAR para seus moradores. É novamente Lynch⁷, quem comenta que: "As pessoas criaram uma forte ligação a tudo isto, a todas estas formas nítidas e diversificadas, ligações estas que se ligam a um passado histórico ou a sua própria experiência anterior. Todas as cenas são imediatamente reconhecidas e trazem à memória um conjunto de associações".

Esta é então a Paisagem Urbana que queremos e devemos valorizar e conseqüentemente preservar, pois o núcleo urbano é um bem cultural composto de mil e um artefatos relacionados entre si, que vão desde aqueles de uso individual, passando por outros de utilidade familiar, a começar pelas moradias, até os demais de interesse coletivo. Assim, constatamos que um conglomerado urbano se resume num local onde se desenrolam concomitantemente infinitas atividades exercidas através de infinitos artefatos dispostos no espaço segundo suas funções ou atribuições.

Dentre nossas cidades, sejam de que idade for, muito poucas ainda podem nos mostrar as relações originais entre espaços livres e construções da mesma época.

Espaços livres públicos, logradouros, espaços livres internos ou quintais. Evidentemente essas relações são decorrentes de variadas expectativas culturais,

então elas têm que ser entendidas tão somente como uma parte remanescente de outras articulações mais amplas e hoje desapropriadas e irrecuperáveis.

Em qualquer uma dessas cidades, é impossível a recuperação em sua totalidade do que tivesse sido seu conjunto original articulado de bens culturais, porque a sociedade hoje não é a mesma, e está a fim de usar outros artefatos em outros programas de necessidades, posto que as condições sociais, econômicas e o momento histórico que determinaram aquele ambiente urbano são outros. No fundo, resta-nos conservar e valorizar cenários compostos de fachadas de casas velhas, como tem sido feito. Sim, conservamos alguns cenários, mas eles nos são da maior importância, porque foi o pouco que nos restou, já que nunca soubemos preservar outros documentos de nossas antigas populações urbanizadas.

A valorização e preservação dessas visualizações cênicas são de suma importância, porque nos revelam, nas relações espaciais, até intenções plásticas, nem sempre compromissadas com a estética oficial das ordenações.

A Paisagem Urbana, assim como a cidade, é algo extremamente dinâmico, e está constantemente passando por processos de transformação mais ou menos drásticos. Segundo Toledo⁸: "A cidade, como todo organismo vivo, está em permanente mutação. Entre a natureza virgem e a metrópole há uma sucessão permanente de alterações, de boa ou má qualidade que caracterizam um ambiente. É o que os ingleses designam por *site*. O homem é participante da paisagem. Sua obra testemunha como, ao longo dos séculos, ele foi se adaptando ao meio ambiente. O patrimônio ambiental urbano, portanto, é um dos mais eloqüentes testemunhos do que se convencionou chamar de cultura".

As necessidades presentes no aparecimento de uma cidade, tais como as das vilas mineradoras surgidas na região das Minas Gerais na época da exploração de ouro no Brasil Colônia, ou as das surgidas com o avanço do cultivo do café no oeste Paulista e posteriormente norte do Paraná, ou ainda aquelas surgidas mais recentemente com a construção de barragens hidroelétricas, direcionam e influem a formação e transformação de sua paisagem, determinando certa configuração física, que certamente se altera quando as necessidades também se alteram. Nesta paisagem, de um momento a outro, desaparecem muitas das estruturas espaciais, e parte do que se perde, com certeza poderia e deveria ser preservado. Nem tudo é claro, pois novas e adequadas estruturas são criadas, mas resta-nos a questão: qual o grau de limitação das transformações? Precisa-se chegar a mudanças tão

abrangentes? Outras mudanças com certeza virão, a cidade, já foi comentado, é dinâmica, e como lidar com ela, como encaminhá-la valorizando também o existente, ainda é uma dúvida.

Este processo de transformação urbana é observado em uma escala mais ou menos intensa na maioria das nossas grandes e médias cidades, onde o processo de renovação, de mutação, se dá de um modo similar, através da diversificação de usos e por vezes da verticalização. Entretanto, é impossível a reconstituição de uma paisagem, principalmente urbana, com absoluta precisão, posto que ela varia constantemente. Mesmo que fossem mantidas ali suas edificações primitivas, os jardins se alteram com o crescimento da vegetação ou até mesmo deixam de existir, vias são alargadas, os espaços livres se modificam de acordo com as alterações de uso que lhes são de certa forma impostas. Uma praça rodeada por palacetes ecléticos com seus jardins, mostrar-se-á completamente diferente ao substituí-los por edifícios de apartamento ou por agências bancárias. É novamente Lynch⁹, quem afirma que: "um novo objeto pode parecer ter uma forte estrutura ou identidade devido às suas características físicas que insinuam ou determinam a sua própria estrutura". Mas na memória, na lembrança das pessoas, sobrevivem imagens, sínteses de elementos significativos de uma paisagem de seu cotidiano, e que se encontram vestígios por vezes diluídos nas novas paisagens. Segundo Benevolo¹⁰: "As cidades brasileiras crescem muito rapidamente, e entre elas, São Paulo mais do que qualquer outra. A velocidade é tão grande, a ponto de apagar, no espaço de uma vida humana, o ambiente de uma geração anterior: os jovens não conhecem a cidade onde, jovens como eles, viveram os adultos. Assim, as lembranças são mais duradouras que o cenário construído e não encontram nele um apoio e um reforço".

A noção de patrimônio cultural (ou patrimônio histórico) envolve questões tais como memória, tempo, origens, valor artístico e outras. Discorrer sobre patrimônio cultural ou bem cultural é discorrer sobre memória. Porém normalmente associa-se a memória apenas ao passado. Ora, sem a memória não há presente para o homem. A memória se refere a uma relação entre passado e presente. Ela gira em torno de um dado básico humano: a mudança. Sem memória ficamos privados de uma plataforma de referências, e cada ato nosso seria uma reação mecânica, mergulhar de um vazio para outro. A memória social funciona como um instrumento de identidade, de desenvolvimento e de perpetuação. Sem ela a mudança será fator de alienação e desagregação.

O patrimônio de uma cidade está representado não só nos edifícios, mas também nos objetos, na paisagem, nos costumes, nas tradições, nas festas. Enfim, em tudo aquilo onde se reconhece a vida, a história e os valores culturais expressos pelos vários segmentos da população.

É enorme o número de bens que compõem o patrimônio cultural de um povo, de uma nação, ou mesmo de um pequeno município. E nunca houve, ao longo de toda história da humanidade, interesses voltados à preservação de artefatos do povo. Esta questão da memória social, tão dependente da preservação do patrimônio cultural, tem sido tratada com seriedade somente agora, em tempos recentes. Devemos, então, de qualquer maneira, garantir a compreensão da nossa memória social, preservando o que for significativo dentro do nosso vasto repertório de elementos componentes do patrimônio cultural.

Isto é fundamental para a defesa e consolidação dos valores de cidadania das mesmas. A cultura de um povo, através de suas manifestações sociais, artísticas e cotidianas, constituem parte integrante do presente e do futuro de cada comunidade, singularizando-a e caracterizando-a dentro das inúmeras diversidades que compõem a sociedade.

A expansão rápida das cidades, principalmente a partir da década de 50, ocasionou um rompimento da individualidade destas, e conseqüentemente, a destruição de seu patrimônio cultural, onde edificações representativas e relevantes para a memória histórico-urbana, são substituídas por outras, alienígenas ao processo. Esta destruição acarretou sérias conseqüências, como o comprometimento de uma imagem mental legível para os moradores das cidades, o que torna fundamental nos dias de hoje a preocupação com a preservação, ou seja, a identidade dos símbolos, dos valores e dos bens culturais destas comunidades.

A cidade tem que ser encarada como um artefato, como um bem cultural qualquer de um povo. Mas um artefato que pulsa, que vive, que permanentemente se transforma, se autodevora e se expande em novos tecidos, recriados para atender a outras demandas sucessivas de programas em permanente renovação. Portanto, preservar e valorizar não significa congelar o passado, mas possibilitar que a cidade se desenvolva de acordo com suas necessidades atuais, incorporando as mudanças e ao mesmo tempo guardando suas características particulares.

BIBLIOGRAFIA

BENEVOLO, Leonardo. *A Cidade e o Arquiteto*. São Paulo, Perspectiva, 1984.

- CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- FITCH, James. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico*. São Paulo, FAUUSP, 1981.
- GIBSON, James J. *La Percepcion del Mundo Visual*. Buenos Aires, Ediciones Infinito, 1974.
- GOODEY, Brian; Gold, John. Environmental perception: the relationship with urban design. *Progress in Human Geography*. v. 11, n. 1, 1987.
- LEMONS, Carlos A. C. O que é Patrimônio Histórico. *Coleção Primeiros Passos*, 2a. ed., São Paulo, Brasiliense, n. 51, 1982.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- MACEDO, Silvio Soares. *Higienópolis e Arredores: Processo de Mutação de Paisagem Urbana*. São Paulo, Pini/EDUSP, 1987.
- OLIVEIRA, Livia de. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. *Geografia*. v. 2, n. 3, 1977.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: Três Cidades em um Século*. São Paulo, Duas Cidades, 1981.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo, Difel, 1983.
- _____. *Topofilia*. São Paulo, Difel, 1980.
- SCHIFF, Myra. Considerações Teóricas sobre a Percepção e a Atitude. *Boletim de Geografia Teorética*, v. 3, n. 6, 1973.

NOTAS

- (1) Livia de Oliveira. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. *Geografia*, v. 2, n. 3, 1977, p. 68.
- (2) Ibid., p. 68.
- (3) Tuan, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo, Difel, 1983, p. 114.
- (4) Lynch, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 103.
- (5) Ibid., p. 13.
- (6) Ibid., p. 14.
- (7) Ibid., p. 104-105.
- (8) Toledo, Benedito Lima de. "Apresentação" Macedo, Silvio Soares. *Higienópolis e Arredores: Processo de Mutação de Paisagem Urbana*. São Paulo, Pini/EDUSP, 1987. p. 3.
- (9) Lynch, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 17.
- (10) Benevolo, Leonardo. "Apresentação" Toledo, Benedito Lima de. *São Paulo: Três Cidades em um Século*. São Paulo, Duas Cidades, 1981, p. 7.